

Apostila de Contação de História



Esta apostila é de propriedade do Instituto Brasil Solidário - IBS e encontra-se protegida por direitos autorais.

Sua reprodução com objetivo de multiplicação das ações do Programa de Desenvolvimento da Educação - PDE - é permitida, porém sempre preservando os direitos autorais e nunca para fins comerciais.

Nenhuma parte desta apostila pode ser reproduzida para venda ou distribuída comercialmente, nem poderá ser modificada ou incorporada em qualquer outro trabalho, publicação ou meio eletrônico.

Só é permitido o uso do conteúdo do material para fins educacionais. Sempre que houver citação ou reprodução de parte ou totalidade do conteúdo, deverá ser citada a fonte.

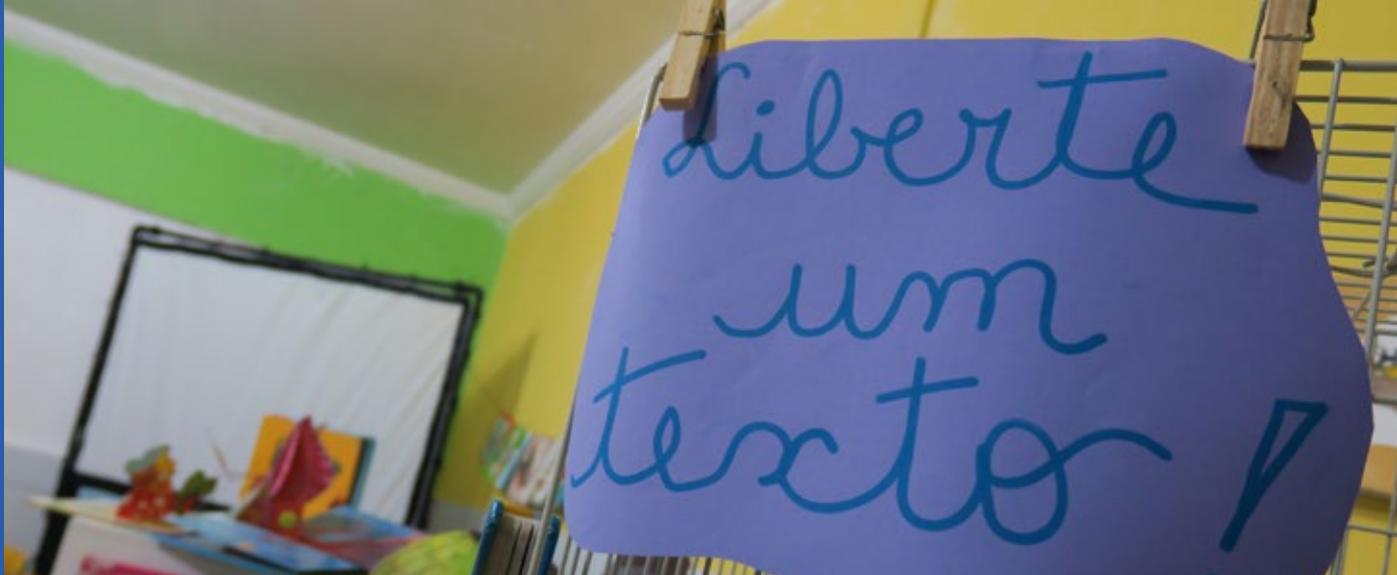
Nenhuma outra licença ou direitos relacionados com esta apostila são concedidos sem a autorização expressa do Instituto Brasil Solidário.





Apresentação	4
A contação de história	5
Caracterização	8
A prática educativa	12
Dicas para contadores	14
Acervo literário IBS	20
Acervo do contador	23
Diário de Leituras IBS	24
Anexo	25
Referências bibliográficas	34
Expediente	36





O Instituto Brasil Solidário - IBS - é uma OSCIP (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público) com expertise em ações sociais financiadas pela iniciativa privada, que implementa programas de desenvolvimento territorial sustentáveis de forma intersetorial por meio da educação e mobilização social em escolas públicas e comunidades com baixos Índices de Desenvolvimento Humano (IDH).

Através de um conceito amplo - que mescla construção de espaços modelos, formação, melhorias na gestão escolar e projetos monitorados -, todas as atividades são levadas para dentro do espaço escolar e da comunidade. Dessa forma, cria-se uma rede que une educadores, alunos e moradores da comunidade trabalhando variadas práticas pedagógicas até que estas sejam incorporadas às políticas públicas locais.

Com resultados comprovados de curto, médio e longo prazos, incluindo aumentos significativos no IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) acima da média nacional, o método e as ações do IBS buscam instruir e favorecer a formação de um novo cidadão brasileiro por meio do comprometimento, da inovação e principalmente da mudança de atitude com autonomia, autoestima e criatividade.

O PDE - Programa de Desenvolvimento da Educação - é a principal metodologia de mobilização, formação e acesso material do Instituto, que há 20 anos envolve uma abordagem com temas transversais em ofi-

cinas práticas de desenvolvimento cognitivo e competências socioemocionais, combinadas com ações de planejamento junto ao currículo escolar, BNCC e ODS.

O programa permite à comunidade beneficiada agir com autonomia e multiplicar as ações vivenciadas em oito eixos principais: incentivo à leitura, saúde e prevenção, empreendedorismo, educação ambiental, arte e cultura, educomunicação, cidadania e educação financeira.

Esse material, que compõe o eixo de Arte e Cultura, oferece todas as informações necessárias para a continuidade e a multiplicação de atividades de Xilogravura e Estamparia na escola e na comunidade, para além das etapas presenciais do PDE.





Vivemos um período em que a mídia e as tecnologias estão cada vez mais acessíveis às crianças; as informações chegam pelos meios de comunicação ampliando os horizontes e os conhecimentos. Os livros estão sendo deixados de lado, as histórias estão sendo esquecidas, o que torna um desafio para o educador fazer com que as crianças em idade escolar tomem gosto pela leitura.

A contação de história nas escolas era uma forma de distrair as crianças e hoje vem ressurgindo a figura do contador de histórias. De acordo com vários estudiosos, a contação de histórias é um precioso auxílio à prática pedagógica de professores na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. A contação de história instiga a imaginação, a criatividade, a oralidade, incentiva o gosto pela leitura, contribui na formação da personalidade da criança envolvendo o social e o afetivo.

Uma visão historiográfica sobre a contação de história

Na transição do século XVII para o XVIII, surge o significado e o papel social da infância, assim como uma literatura adequada para esta instituição que apenas foi criada posteriormente, as crianças eram reconhecidas como pequenos adultos, possuidores de tarefas e cuidados semelhantes aos de um adulto, o que pode explicar a alta taxa de mortalidade infantil naquela época.

Compartilhando todas as atividades com as pessoas mais velhas, as crianças também possuíam a mesma cultura literária que os demais. Apenas com a ascensão da burguesia e rees-

truturação familiar, a criança começou a ser reconhecida como indivíduo diferente do adulto, com atribuições diferentes.

No século XVIII, a literatura infantil mostrou-se importante no âmbito escolar e na necessidade de uma mudança na mentalidade sociocognitiva que a criança possuía. A escola foi um dos principais agentes para que a mudança na literatura ocorresse.

As primeiras produções infantis foram realizadas por professores e pedagogos no final do século XVII e durante o século XVIII. Coelho (2001) afirma que "estudar a história é ainda escolher a melhor forma ou o recurso mais adequado de apresentá-la." (COELHO, 2001, p. 31).

A contação de histórias é uma das atividades mais antigas de que se tem notícia. Essa arte remonta à época do surgimento do homem há milhões de anos. Contar histórias e declamar versos constituem práticas da cultura humana que antecedem o desenvolvimento da escrita.

Na cultura primitiva, saber ler, escrever e interpretar sinais da natureza era de grande importância, porque mais tarde iam se tornar registros pictográficos, com os quais seriam relatadas coisas do cotidiano que poderia ser lido e compreendido pelos integrantes do grupo. As histórias são uma maneira mais significativa que a humanidade encontrou para expressar experiências que nas narrativas realistas não acontecem.

"E se não morreram, vivem felizes até hoje", diz o conto de fadas. O conto de fadas que ainda hoje é o primeiro conselheiro das crianças, porque foi outrora o primeiro da humanidade, permanece vivo, em segredo, na narrativa. O primeiro narrador verdadeiro é e continua sendo o dos contos de fadas."

(Walter Benjamin, em *O Ofício do contador de histórias*, de Gislayne Avelar Matos e Inno Sorsy)



Os contos são temidos porque objetivam os fatos e as verdades que não podem ser expressos pela razão, por isso nos estudos dos contos observa-se: “Em primeiro lugar, o fato de que eles falam sempre de relacionamentos humanos primitivos e, por isso, exprimem sentimentos muito arcaicos do psiquismo humano.” (VIEIRA, 2005, p. 10)

Desde aqueles tempos remotos e ainda hoje, a necessidade de exprimir os sentidos da vida, buscar explicações para nossas inquietações, transmitir valores de avós para netos têm sido a força que impulsiona o ato de contar, ouvir e recontar histórias.

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real. (RODRIGUES, 2005, p. 4)

A contação de histórias é uma atividade fundamental que transmite conhecimentos e valores, sua atuação é decisiva na formação e no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem.

As histórias são uma maneira mais significativa que a humanidade encontrou para expressar experiências que, nas narrativas realistas, não acontecem. A contação de histórias, além de pertencer ao campo da educação e à área das ciências humanas, é uma atividade comunicativa. Por meio dela, os homens repassam costumes, tradições e valores capazes de estimular a formação do cidadão.

Por isso, contar histórias é saber criar um ambiente de encantamento, suspense, surpresa e emoção, no qual o enredo e os personagens ganham vida, transformando tanto o narrador como o ouvinte. O ato de contar histórias deve impregnar todos os sentidos, tocando o coração e enriquecendo a leitura de mundo na trajetória de cada um.

ATENÇÃO

A contação de histórias está ligada diretamente ao imaginário infantil.

O uso dessa ferramenta incentiva não somente a imaginação, mas também o gosto e o hábito da leitura; a ampliação do vocabulário, da narrativa e de sua cultura; o conjunto de elementos referenciais que proporcionarão o desenvolvimento do consciente e subconsciente infantil, a relação entre o espaço íntimo do indivíduo (mundo interno) com o mundo social (mundo externo), resultando na formação de sua personalidade, seus valores e suas crenças.

A capacidade de imaginar permite que o ser humano crie uma habilidade de entendimento e compreensão de histórias ficcionais, pois nossa vida apenas é entendida dentro de narrativas. As histórias nos transmitem informações e abrangem nossas emoções. É por esse motivo que algumas pessoas se sentem receosas ao trabalhar com crianças e jovens em desenvolvimento.

A história tem um papel significativo na contribuição com a tolerância e o senso de justiça social, podendo criar rumos à imaginação, podendo ser eles bons ou ruins. Sendo assim, a reformulação da literatura infantil foi de extrema importância para que a sua função social e individual pudesse respeitar as especificidades e necessidades da intencionalidade que a história possui e quer transmitir para a criança. Além, é claro, da adequação condizente com a faixa etária.



“Chegaram ao seu coração e à sua mente, na medida exata do seu entendimento, de sua capacidade emocional, porque continham esse elemento que a fascinava, despertava o seu interesse e curiosidade, isto é, o encantamento, o fantástico, o maravilhoso, o faz de conta.” (ABRAMOVICH, 1997, p. 37).

A contação de histórias é um momento mágico que envolve a todos que estão nesse momento de fantasia. Ao contar histórias, o professor estabelece com o aluno um clima de cumplicidade que os remete à época dos antigos contadores que, ao redor do fogo, contavam a uma plateia atenta às histórias, costumes e valores do seu povo.

A plateia não se reúne mais em volta do fogo, mas, nas escolas, os contadores de história são os professores, elo entre o aluno e o livro. O ato de contar histórias é próprio do ser humano, e o professor pode apropriar-se dessa característica e transformar a contação em um importantíssimo recurso de formação do leitor. (PENNAC, 1993, p. 124).

Inúmeras são as possibilidades que o uso da contação de histórias em sala de aula propicia. Além de as histórias divertirem, elas atingem outros objetivos, como educar, instruir, socializar, desenvolver a inteligência e a sensibilidade. A literatura não está recebendo um estímulo adequado, e a contação de histórias é uma alternativa para que os alunos tenham uma experiência positiva com a leitura, não uma tarefa rotineira escolar que transforma a leitura e a literatura em simples instrumentos de avaliação, afastando o aluno do prazer de ler.



“Porque, para formar grandes leitores, leitores críticos, não basta ensinar a ler. É preciso ensinar a gostar de ler. [...] com prazer, isto é possível, e mais fácil do que parece.” (VILLARDI, 1997, p. 2).

Dessa forma, utilizar a contação em sala de aula faz com que todos saiam ganhando, tanto o aluno, que será instigado a imaginar e criar, quanto o professor, que ministrará uma aula muito mais agradável e produtiva e alcançará o objetivo pretendido: a aprendizagem significativa.

Além disso, as histórias ampliam o contato com o livro para que os alunos possam expandir seu universo cultural e imaginário e, através de variadas situações, a contação de histórias pode: intrigar, fazer pensar, trazer descobertas, provocar o riso, a perplexidade, o encantamento etc. Ou seja, ao se contar uma história, percorre-se um caminho absolutamente infinito de descobertas e compreensão do mundo.

As histórias despertam no ouvinte a imaginação, a emoção e o fascínio da escrita e da leitura. Afinal, contar histórias é revelar segredos, é seduzir o ouvinte e convidá-lo a se apaixonar... pela história... pela leitura. A contação de história é fonte inesgotável de prazer, conhecimento e emoção, em que o lúdico e o prazer são eixos condutores no estímulo à leitura e à formação de alunos leitores.





A caracterização dos contos de fadas, fábulas e histórias curativas é fundamental para o desenvolvimento dos aspectos sociocognitivo e afetivo da criança, na faixa etária que vai dos 3 aos 6 anos.

As histórias narradas sempre acompanharam a vida do homem em sociedade. Por meio delas, foi possível a preservação da cultura. Durante muito tempo, foram a única fonte de aquisição e transmissão do conhecimento. A narrativa é a arte de contar histórias que é tão antiga quanto o homem.

A contação de história estimula a imaginação, retrata pessoas, lugares, acontecimentos, desejos e sonhos, favorecendo o processo da aprendizagem. São textos que mantêm uma estrutura fixa, partindo de um problema (como estado de penúria, carência afetiva, conflito entre mãe e filho), que desequilibra a tranquilidade inicial. O desenvolvimento é uma busca de soluções, no plano da fantasia, com introdução de elementos mágicos: fadas, bruxas, duendes, gigantes entre outros. A restauração da ordem acontece no final da narrativa, quando se volta a uma situação de tranquilidade.

“Por exemplo, muitas estórias de fadas começam com a morte da mãe ou do pai. Nestes contos a morte do progenitor cria os problemas mais angustiantes, como isto (ou medo disto) ocorre na vida real. Outras estórias falam sobre um progenitor idoso que decide que é tempo da nova geração assumir. Mas antes que isto possa ocorrer o sucessor tem que provar-se capaz e valoroso.” (BETTELHEIM, 2002, p. 14).

É característico dos contos de fadas colocar um dilema existencial de forma breve e categórica, simplificando todas as situações. Isso permite à criança apreender o problema em sua forma mais essencial, pois uma trama mais complexa confundiria o assunto para ela.

Segundo Bettelheim (2002), os contos de fadas começam a exercer seu impacto benéfico nas crianças por volta dos 4, 5 anos. Podem ser contadas as histórias que os pais gostavam quando crianças ou que tenham atração e valor para a criança.

Os escritores mais famosos dos contos de fadas infantis são os Irmãos Grimm - Jacob e Wilhelm Grimm -, que fizeram e fazem muito sucesso até hoje com suas histórias e seus contos. Nascidos na Alemanha, os Irmãos Grimm dedicaram a sua vida ao registro das fábulas infantis e assim ganharam fama e popularidade com as crianças. Além das belas histórias e das contribuições para o imaginário dos pequenos, os Irmãos Grimm também contribuíram para a língua alemã com um dicionário e, assim, desenvolveram um estudo mais aprofundado da língua e do folclore popular local.

As maiores e melhores obras dos Irmãos Grimm são resumidas em contos e lendas para crianças. Os contos para as crianças, na verdade, eram contos destinados aos adultos. O que aconteceu durante os anos é que eles foram adaptados para os pequenos. “Todos os contos de fadas dos Irmãos Grimm foram discutidos com respeito às origens de cada história, suas diferentes versões em todo o mundo, suas relações com outras lendas e contos de fadas” (BETTELHEIM, 2002, p. 351).

Um dos contos de fadas mais contados às crianças é o da Bela Adormecida. Antes uma história destinada aos adultos, o conto foi adaptado, alguns elementos foram modificados e retirados e, assim, se tornou um conto infantil. Na versão original, a encantadora Bela Adormecida, depois de furar o dedo numa agulha, dorme por cem anos, até que um dia surge um príncipe que a beija e ela desperta do sono profundo. Eles se apaixonam, casam-se e vivem felizes para sempre.

Infelizmente, o conto original não é tão doce. Nele, a jovem é colocada para dormir por causa de uma profecia, em vez de uma maldição; o rei, ao vê-la dormindo, abusa sexualmente e a engravida. Após 9 meses, ainda dormindo, ela dá a luz a duas crianças. Não é o beijo de um príncipe que a acorda, uma das crianças chupa o seu dedo, e remove o pedaço de linho que a mantinha dormindo. Ela acorda sendo mãe de dois filhos.



A Bela Adormecida conhecida hoje tem duas versões diferentes: a de Perrault e a dos Irmãos Grimm. A diferença se refere aos detalhes das duas histórias. Por mais variadas que sejam as versões, o tema central é o mesmo. Segundo Bettelheim (2002, p. 271), as versões Perrault e dos Irmãos Grimm começam indicando que poderemos ter de esperar muito tempo para encontrar realização sexual, como a que implica ter um filho.

A estória está baseada no simbolismo, em que se explica, de forma indireta, o que representa cada situação como, por exemplo, a presença de vários príncipes que tentaram se aproximar da bela adormecida, mas que ficaram presos nos espinhos.

“Muitos príncipes tentam alcançar Bela Adormecida antes de terminar sua maturação; todos os pretendentes prematuros perecem nos espinheiros. Com isto, o conto adverte à criança e aos pais que o despertar do sexo antes da mente e do corpo estarem prontos para ele é muito destrutivo. Mas quando Bela Adormecida finalmente adquiriu maturidade física e emocional, e está pronta para o amor, e, por conseguinte, para o sexo e o casamento, então o que antes parecera impenetrável se abre. O muro de espinhos subitamente se transforma numa cerca de flores grandes e belas que se abre para o príncipe entrar. A mensagem implícita é a mesma de vários outros contos de fadas: não se preocupe e não tente apressar as coisas - no seu devido tempo, os problemas impossíveis serão solucionados, como que espontaneamente.” (BETTELHEIM, 2002, p. 273-274).

Outra estória conhecida pelas crianças é a de João e Maria. A versão conhecida de Hansel e Gretel fala de duas criancinhas que ficam perdidas na floresta, até encontrar seu caminho para uma casa de gengibre e doces que pertence a uma bruxa. As crianças acabam escravizadas por um tempo enquanto a bruxa as prepara para comer. Eles encontram a saída, atiram a bruxa no fogo e fogem.

Na versão francesa anterior desse conto (chamado *The Lost Children - As Crianças Perdidas*), em vez de uma bruxa, temos um demônio. Agora o demônio é enganado pelas crianças (da mesma forma que Hansel e Gretel), mas resolve isso e põe um chicote para fazer uma criança sangrar (isto não é um erro - ele realmente faz isso). As crianças fingem não saber como chegar ao chicote, portanto a mulher do demônio demonstra. Enquanto ela está deitada, as crianças cortam a sua garganta e escapam.

Esse conto de fadas folclórico, segundo Bettelheim (2002, p. 195), transmite uma verdade importante, embora desagradável: a pobreza e a privação não melhoram o caráter do homem, mas, sim, o tornam mais egoísta e menos sensível aos sofrimentos dos outros, e assim sujeito a empreender feitos malvados. Quando o João utiliza o pão para marcar o caminho de volta para casa, é como fuga (da fome) que o impede de pensar de forma clara sobre a situação problema, não pensando na possibilidade de os pássaros comerem as migalhas do pão.

As crianças não veem a casa de biscoito de gengibre como abrigo e segurança e sim como alimento que as satisfará e não pensam nas consequências. Para Bettelheim (2002, p. 197), o conto de fadas é a cartilha com a qual a criança aprende a ler sua mente na linguagem das imagens, a única linguagem que permite a compreensão antes de conseguirmos a maturidade intelectual.

A criança necessita ser exposta a essa linguagem para prestar atenção a ela. O conteúdo pré-consciente das imagens do conto de fadas é muito rico porque estimula a criança a desenvolver seu intelecto. A bruxa representa os aspectos destrutivos da oralidade, que está propensa a comer as crianças como elas devoraram a casa de biscoito. As suas intenções malvadas forçam as crianças a reconhecer os perigos da voracidade oral.



“Uma bruxa forjada pelas fantasias ansiosas da criança persegue-a; mas uma bruxa que ela pode empurrar para dentro de seu próprio fogão para que morra queimada é uma bruxa da qual a criança pode se livrar. Enquanto as crianças continuarem a acreditar em bruxas - sempre o fizeram e sempre o farão - até a idade em que não sejam mais compelidas a dar aparência humana às suas apreensões informes - elas necessitarão de estórias onde crianças se livram, pela engenhosidade, destas figuras persecutórias da imaginação. Conseguindo fazê-lo, ganham muito com a experiência, como o fizeram João e Maria.” (BETTELHEIM, 2002, p. 202).

Esse conto dá expressão simbólica às experiências internas diretamente unidas à mãe, a criança não imagina que um dia poderá ficar afastada dos seus pais. A estória de João e Maria auxilia a criança a exceder sua dependência imatura dos pais e alcançar os níveis mais altos de desenvolvimento, valorizando também o apoio de outras crianças, de forma lúdica.

“A cooperação com eles na realização das tarefas terá que substituir finalmente a dependência infantil e restrita aos pais. A criança em idade escolar frequentemente ainda não pode imaginar que um dia será capaz de enfrentar o mundo sem os pais; por esta razão deseja agarrar-se a eles além do ponto necessário. Precisa aprender a confiar que algum dia dominará os perigos do mundo, mesmo na forma exagerada em que seus medos os retratam, e que se enriquecerá com isto.” (BETTELHEIM, 2002, p. 202).

A palavra “fábula” vem do latim e significa “falar”. O gênero fábula apresenta características marcantes. Trata-se de pequenas narrações, em que os personagens protagonistas geralmente são animais que representam sentimentos e emoções humanas. Mesmo assemelhando-se às histórias infantis, as fábulas foram criadas inicialmente para serem contadas a adultos, com o objetivo de aconselhá-los e distraí-los.

“A fábula é uma narração alegórica, cujos personagens são, geralmente, animais, e que encerra em uma lição de caráter mitológico, ficção, mentira, enredo de poemas, romance ou drama. Contém afirmações de fatos imaginá-

rios sem intenção deliberada de enganar, mas sim de promover uma crença na realidade dos acontecimentos. A fábula seria, portanto, uma narração em prosa e destinada a dar relevo a uma ideia abstrata, permitindo, dessa forma, apresentar, de maneira agradável, uma verdade que, de outra maneira, se tornaria mais difícil de ser assimilada.” (LIMA; ROSA, 2012)

Segundo Fernandes (2001), fábula é um gênero que, como tantos outros gêneros narrativos, registra as experiências e o modo de vida dos povos. Seu objetivo é trazer reflexões quanto a valores, tais como respeito, diferenças, amizade, companheirismo, dentre outros. Em relação à moral nas fábulas, Góes (1991) afirma:

“A moral contida nas fábulas é uma mensagem animada e colorida. Uma estória contém moral quando desperta valor positivo no homem. A moral transmite a crítica ou o conhecimento de forma impessoal, sem tocar ou localizar claramente o fato. Isso levou a pensar que essa narrativa da moralizante nasceu da necessidade crítica do homem, contida pelo poder da força e das circunstâncias.” (GÓES, 1991, p. 144).

A fábula resume uma ação e sua reação, seguida do discurso que levará o leitor a refletir. Nem sempre é necessário que haja mais de um personagem, uma vez que a ação e a reação de determinada situação podem estar acontecendo na mente de um único personagem, portanto, podem ser construídas a partir de diálogo ou diálogo interior ou monólogo.



Sendo as fábulas pequenas narrativas em que animais são os personagens protagonistas, o comportamento humano é criticado através de atitudes de animais que poderiam ser bons, maus ou apresentar diferentes virtudes ou defeitos. É comum que esses animais representem raposas, lobos, formigas, entre outros. Cada um deles apresenta características tipicamente humanas. Como exemplo, o leão representa força e poder, o cordeiro representa ingenuidade, a raposa simboliza a esperteza. Para Coelho (2000, p. 166), La Fontaine explicita em sua primeira coletânea de fábulas que se serve de animais para instruir os homens. (LIMA; ROSA, 2012)

Alguns autores consideram as fábulas um método universal de construção discursiva, porém, sempre haverá diferenças no modo como cada povo estrutura suas fábulas e seus elementos, resultando numa coleção cultural. As fábulas não iniciam com o famoso “Era uma vez”, como nos contos de fadas. Todas as palavras são medidas, selecionadas e direcionadas ao seu alvo.

As primeiras fábulas surgiram em 1668, publicadas em “As fábulas” de Jean La Fontaine, que se utilizava desse gênero para relatar a situação social de sua época: misérias, desigualdades e injustiças. No Brasil, como fabulista pioneiro, temos Monteiro Lobato, que recontava as famosas fábulas de La Fontaine e Esopo. Outros fabulistas brasileiros são Donaldo Schüler e Millor Fernandes, estes mais contemporâneos, que recriaram as fábulas de maneira irônica, através de situações do cotidiano moderno.



Uma característica intrínseca às fábulas de Lobato é a linguagem simples e coloquial, em que o autor se utiliza de palavras cotidianas e expressões de uso popular, além de apresentarem um caráter educativo. Muitas são fábulas conhecidas hoje, atribuídas a diferentes autores. São exemplos de fábulas:

- A raposa e as uvas;
- A Cigarra e a Formiga;
- A Lebre e a Tartaruga;
- O Leão e o Ratinho;
- A galinha dos ovos de ouro;
- A rosa e a borboleta;
- A menina do leite;
- O lobo e a cabra;
- O cachorro e sua sombra;
- Os viajantes e o urso;
- O gato, o galo e o ratinho; dentre outras.

Para que os objetivos sejam alcançados ao contar uma história, o contador precisa considerar alguns pontos importantes:

- As histórias podem ser lidas ou contadas; o contador deve levar vida às histórias, preocupando-se com a entonação de voz e a postura do corpo;
- Sensibilidade ao multiculturalismo para escrever e contar as histórias;
- Considerar as diversas possibilidades de frases para começar e terminar um conto;
- Utilizar acessórios e utensílios como fantoches. Ajuda ao ouvinte e ao contador lembrar a sequência da história, mas é preciso que seja simples e atrativo, principalmente para aguçar a curiosidade de crianças menores;
- Preparar o ambiente, considerar as idades, falar com clareza, começar e finalizar as histórias; direcionar uma por dia é fundamental para uma boa contação;
- É essencial que, ao final, seja feita uma avaliação de todo o processo.

A arte de contar histórias atravessa gerações, convida a humanidade a refletir sobre a própria vida e transformar comportamentos desafiadores. Lidas ou contadas, é preciso sensibilidade para saber contá-las.





A contação de histórias é uma prática cada vez mais presente na escola. Ora se desenvolve a partir do planejamento do professor, ora a escola recebe a visita de um contador, ora ela permeia os espaços culturais (como feiras do livro). O professor, através de sua formação, tem contato com diversas possibilidades de integrar a literatura em sua aula. Muitos teóricos abordam a questão da importância dos textos literários na escolarização.

Ao considerar a contação de histórias como portadora de significados para a prática pedagógica, não se restringe o seu papel somente ao entendimento da linguagem. Preserva-se seu caráter literário, sua função de despertar a imaginação e sentimentos, assim como suas possibilidades de transcender a palavra.



A ação de contar histórias deve ser utilizada dentro do espaço escolar, não somente com seu caráter lúdico, muitas vezes exercitado em momentos estanques da prática, como a hora do conto ou da leitura, mas adentrar a sala de aula, como metodologia que enriquece a prática docente, ao mesmo tempo em que promove conhecimentos e aprendizagens múltiplas.

De acordo com prévia pesquisa bibliográfica, ficou evidente que a contação de histórias pode e deve ser usada como metodologia para o desenvolvimento dos alunos e de sua personalidade, melhorando de maneira significativa o desempenho escolar.

“Na maioria dos casos, a escola acaba sendo a única fonte de contato da criança com o livro e, sendo assim, é necessário estabelecer-se um compromisso maior com a qualidade e o aproveitamento da leitura como fonte de prazer.” (MIGUEZ, 2000, p. 28)

A questão da contação de histórias como participante da práxis pedagógica não pretende de forma alguma desconfigurar sua função de transmitir beleza, sensibilidade, prazer. Aliás, acredita-se que o caráter artístico da contação de histórias pode servir de elo no processo de ensino e aprendizagem. Portanto, a contação de histórias pode auxiliar a práxis sem perder seu valor estético e artístico.

Muitos teóricos abordam a questão da importância dos textos literários na escolarização. Bruno Bettelheim fala da importante e difícil tarefa na criação das crianças, a qual consiste em ajudá-las a encontrar significado na vida. Em primeiro lugar, o autor coloca o impacto dos pais nessa tarefa; e, em segundo lugar, cita a herança cultural transmitida de maneira correta: "Quando as crianças são novas, é a literatura que canaliza melhor este tipo de informação." Quanto à leitura em si, ele acrescenta: "A aquisição de habilidades, inclusive a de ler, fica destituída de valor quando o que se aprendeu a ler não acrescenta nada de importante à nossa vida". (BETTELHEIM, 2000, p. 12).

A escola, dia a dia, vem perdendo seu papel de estimuladora da literatura para seus educandos, já não é contínuo o uso de livro paradidático. As palavras de Maciel (2010) são bem oportunas para a reflexão proposta neste trabalho, já que o autor defende a ideia de que o espaço da literatura em sala de aula, além de desvelar a obra e aprimorar percepções, também é uma maneira de enrique-

cer o repertório discursivo dos alunos, sem ter medo da análise literária. Pois, "longe da crença ingênua de que a leitura literária dispensa aprendizagem, é preciso que se invista na análise da elaboração do texto, mesmo com leitores iniciantes ou que ainda não dominem o código escrito." (MACIEL, 2010, p. 59).

Acredita-se que é estimulando as crianças a imaginar, criar, envolver-se, que se dá um grande passo para o enriquecimento e desenvolvimento da personalidade, por isso, é de suma importância o conto; acredita-se, também, que a contação de história pode interferir positivamente para a aprendizagem significativa, pois o fantasiar e o imaginar antecedem a leitura.

Utiliza-se da leitura, através da contação de histórias, como metodologia para o desenvolvimento dos sujeitos e melhoria de seu desempenho escolar, respondendo a necessidades afetivas e intelectuais pelo contato com o conteúdo simbólico das leituras trabalhadas.





Contar histórias é uma arte, e para isso qualquer um de nós pode trabalhar e desenvolver algumas qualidades que fazem toda a diferença na narrativa. O mais importante, porém, é a simplicidade e a naturalidade do contador ao estabelecer uma sintonia com os ouvintes.

Regina Machado, educadora, contadora de histórias e autora do livro *Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias* (bibliografia indicada, de leitura obrigatória, na nossa opinião, para todos os educadores que queiram contar histórias em suas aulas) nos diz:

“O dom de contar histórias é, na verdade, um exercício constante, um aprimoramento contínuo de possibilidades internas de ver os mundos de outras formas.”

Quanto ao aprendizado de se contar histórias, afirma:

“Quando uma professora fica frustrada porque as crianças não prestaram atenção à sua história, ela precisa saber que isso aconteceu não porque não é dotada, e sim porque não se preparou adequadamente. E que essa preparação é acessível, desde que certos princípios e pontos de referência sejam estabelecidos para que ela possa trilhar um caminho de aprendizado, não para que se torne uma contadora de histórias excepcional, mas para que possa realizar um trabalho eficiente, que permita que seus alunos se beneficiem com a experiência de escutar histórias”. (MACHADO, 2004, p. 73)



Dividimos em alguns itens as dicas que achamos importantes para quem queira contar histórias para crianças ou para adultos, seja em casa, em bibliotecas ou em sala de aula. Boa leitura!

Adequação e preparação

É sempre bem-vinda a proximidade do contador de seus ouvintes. Isso envolve algumas escolhas, como limitar o número de participantes (não dá para contar histórias para duzentas pessoas sem que se transforme em uma apresentação distante), sentar-se no chão em roda ou em meia-lua (podendo ser sobre um tapete, colcha ou embaixo de uma árvore) e, no caso do espaço disponível ser inevitavelmente muito grande, procurar limitá-lo de alguma maneira, por exemplo convidando as pessoas para que se sentem próximas (cantar uma música ou falar sussurrando funciona). A escolha do local deve privilegiar um ambiente de boa acústica.

Na verdade, o ritual de preparação para o início da história já tem a função de criar um ambiente acolhedor e convidativo. O que seria esse ritual? É um convite para a história. E como convidar as pessoas para ouvir uma história? O contador pode se utilizar de vários recursos como cantar uma música, tocar um instrumento, falar um poema, acender uma vela, tirar de um baú ou caixa um pequeno objeto, ou simplesmente concentrando-se ao sentar-se em silêncio, instigando a curiosidade de todos e transformando o espaço para que a história seja recebida.



Exemplo

Quando vamos iniciar uma história, propomos uma brincadeira com as crianças (e às vezes com os adultos também) que é a do pó de imaginação: cada um teria um pouco de pó de imaginação guardado em algum cantinho (no bolso, na carteira, na orelha, no sapato). Pedimos então que “peguem” um pouquinho do seu pó de imaginação e o “assoprem”, para que o espaço se encha dele. Nesse momento todos podem “ver” o seu pó de imaginação: que cor ele tem, qual o cheiro, o gosto... pronto! As janelas imaginárias se abrem e a história começa.

Repertório

Um bom contador de histórias está sempre pesquisando. Seu repertório pessoal se forma naturalmente pelo simples gosto pela leitura e por sua vontade de conhecimento. Visitar livrarias, bibliotecas, escrever as histórias que ele ouve e gosta, criar histórias partindo de uma observação atenta e sensível do mundo, pesquisar na internet os catálogos das editoras, ler jornais e revistas, mantendo-se informado do que acontece a sua volta: tudo isso é conhecimento, e quanto mais rica a experiência de vida de um contador, melhor será sua atuação. Porém uma rica experiência de vida não significa unicamente um vasto repertório cultural, intelectual ou científico, não precisamos viajar o mundo inteiro ou ler todos os livros já escritos para sermos bons contadores de histórias. Pesquisar implica, além dos itens já ditos, na intensidade de nossa percepção do mundo, na qualidade de nossa experiência sensível com aquilo que percebemos e vivemos. Existe um conhecimento direto da realidade vivida, a partir de nossa história pessoal e cultural. Todos nós temos uma boa história para contar!



Memória

Sempre que chegamos nesse item algumas pessoas pensam em memória como a capacidade que um contador tem de guardar ou decorar várias histórias. E é mesmo. Um bom contador de histórias tem sempre várias delas na “ponta da língua” para qualquer ocasião.

Alguns contadores de histórias são verdadeiras “bibliotecas ambulantes”, e costumam ter realmente uma boa memória. Mas não é preciso que decoremos uma história vírgula por vírgula, mas que convivamos com ela, que a tenhamos sempre viva dentro de nós, em imagens, cores, cheiros e emoções compartilhadas com seus personagens.

Ao narrarmos uma história somos testemunhas dos acontecimentos, fazemos parte dela.

Jonas Ribeiro, em seu livro *Ouvidos Dourados*, a arte de contar histórias ... para depois contá-las... (bibliografia indicada), recomenda que o contador apenas **aprenda a ideia central** da história, em vez de decorá-la. Um bom contador é fiel à história usando suas próprias palavras, com naturalidade e de um jeito só seu.

[...] “um famoso intelectual que sabia muitos clássicos de cor, no período que passou no campo de concentração, oferecera-se como biblioteca para ser lido por seus companheiros de reclusão”.

(MANGUEL, 1997, p. 83)

“Em plena virada do milênio, quando um professor se senta no meio de um círculo de alunos e narra uma história, na verdade cumpre um desígnio ancestral. Nesse momento, ocupa o lugar do xamã, do bardo celta, do cigano, do mestre oriental, daquele que detém a sabedoria e o encanto, do porta-voz da ancestralidade e da sabedoria. Nesse momento ele exerce a arte da memória”.

(PRIETO, 1999, p. 41)

Mas memória nos remete também a um outro aspecto: contando uma história, resgatamos a cultura de um lugar, de uma época. É aquela história que nossa avó nos contava e que agora contamos aos nossos filhos que talvez contem aos seus filhos também, e que nos faz lembrar de nossa infância, de pessoas queridas que já se foram, do perfume que nossa professora usava... Enfim, um mundo de lembranças.

E esse processo implica também em **ouvirmos** histórias: sejam das pessoas mais velhas, das crianças, seja de nossos vizinhos, de nosso país ou as lendas de outras culturas e civilizações.

Contar e ouvir histórias é um exercício da arte “das memórias”: emotiva, histórica, arquetípica, informativa e outras que porventura sejam lembradas...haja memória!



Presença

Regina Machado fala do “estado de presença” do contador de histórias, e questiona:

“Que qualidade é essa que se apresenta na pessoa do contador de histórias, possibilitando cada ouvinte a um passeio pela sua própria paisagem interna, enquanto passeia pela paisagem da história, tendo como guia a voz do contador?”

Podemos começar a pensar sobre essa qualidade dizendo que um bom contador de histórias vive em determinado ‘estado’ que tem o efeito de produzir em quem o escuta uma experiência estética singular.”

A presença do contador de histórias está na sua postura de respeito pelo que está fazendo, em sua entrega pessoal às histórias, ao se deixar envolver pelas emoções, pelas imagens que vão preenchendo o espaço imaginário criado pela sua voz, seus gestos, seu olhar. É o fio de sua narrativa que conduz suavemente cada ouvinte, tecendo a história como uma renda que a todos envolve. É a poesia que se faz presente, poesia enquanto concretização da beleza. E o contador de histórias virou poeta...

[...] “A presença é feita de intenção, ritmo e técnica. Um bom contador de histórias, guiado pela ação interligada desses três fatores, exercita habilidades pessoais - **recursos internos** -, combinadas com amplo repertório de informações disponíveis - **recursos externos** -, enquanto vai polindo e conquistando, ao longo da vida, a **qualidade da presença**”. (MACHADO, 2004, p. 68)

Olhar, corpo e gesto

O olhar do contador estabelece um vínculo com seus ouvintes. O “olho no olho” é fundamental, é com o olhar que o contador “pesca” seus ouvintes, não é um olhar inquisidor, que impõe a atenção de todos de maneira constrangedora, mas um olhar sedutor, que atrai e instiga a curiosidade, que traduz uma intenção. O olhar também fala e torna visível o in-

visível. Por exemplo: em certo momento da história o contador tira de seu bolso um lenço de tecido leve de cor suave, movimentando-o delicadamente, dando a ideia de um voo. E um belo pássaro surge diante dos olhos de todos.

Como isso acontece? Mágica? Truque? Não, encantamento! Encantamento produzido pelo olhar do contador que vê no lenço o pássaro. E mais: entra aí a qualidade do gesto, a suavidade com que o lenço é manipulado, dando a ideia de voo. Um gesto, por mais simples que seja, é carregado de significações, por isso sugerimos sempre a economia de gestos, o que potencializa a expressividade corporal do contador, não é preciso que fique o tempo todo gesticulando ou andando de um lado para o outro para prender a atenção dos ouvintes.

O contador pode manter-se durante toda uma história apenas sentado, desde que a qualidade de seu olhar e de seus gestos seja carregada de emoção e de intencionalidade. Sua postura corporal também é importante: manter a coluna ereta, não ficar balançando os pés nem coçar o nariz durante a narrativa, ou ficar arrumando os cabelos a cada minuto.

Todos esses cuidados mostram uma atenção do contador de histórias com seu mais importante instrumento de trabalho: seu corpo. O contador atua de “corpo e alma”, deixando assim a marca de sua presença nas histórias que conta.



Voz

A voz assume máxima importância no ofício do contador de histórias. Ela é o veículo do texto a ser contado. São necessários alguns cuidados como boa dicção, linguagem adequada e evitar o uso de “vícios de linguagem” (“e daí”, “pegou e foi”, “tipo assim”, etc.). O contador de histórias não pode perder de vista que através de sua voz detém o poder “encantatório” da palavra.

Uma narrativa interessante, que envolva a todos, se faz com o uso de recursos vocais de modulação de voz (sons mais graves e mais agudos), variação de intensidade (falar mais alto e mais baixo), onomatopéias bem empregadas (som do vento, da chuva, do relógio etc.). Essas variações vocais dão movimento à palavra e ritmo à narrativa.

Pausa e silêncio

Silêncio nem sempre é sinônimo de vazio. As pausas e os silêncios também criam “climas” na narrativa, que podem ser de suspense ou de dúvida, de surpresa, de tristeza... O silêncio vindo de um olhar expressivo, ou de um gesto significativo, pode dizer muita coisa, pode mesmo ser a chave de toda uma história, ou aquele mistério que deixa algo suspenso, não precisamos estar falando o tempo todo, achando que só assim prenderemos a atenção das crianças ou de quem esteja ouvindo. Uma música é feita de sons e de silêncios, havendo pausas entre as notas musicais. As histórias também são assim, e, como o contador, às vezes precisam “respirar”. Existe também o que chamamos de “qualidade do silêncio” da plateia. São aqueles momentos em que o envolvimento de todos com a narrativa é tão intenso que deixa “no ar” um silêncio cristalino. É quando o contador está no pleno domínio de sua narrativa.

Música

Ao ser utilizada a música complementa a narrativa, estimulando a audição de maneira diferente do texto. Pode ser abordada como música de cena, para criar “paisagens sonoras”, ou seja, o “clima” das histórias (alegre, triste, de suspense, de sono e outros), dialogando com o contador. A presença dos instrumentos musicais é bastante enriquecedora, mas não é obrigatória.

A própria voz, as palmas, o estalar de dedos, bater nas pernas e ruídos feitos com a boca são algumas alternativas para se fazer música. A



vivência musical facilita objetivos específicos em atividades pedagógicas. Essas atividades são inúmeras e usando a imaginação o contador criará vínculos muito interessantes com as histórias, sugerindo a interação das crianças.

Como exemplo temos os jogos de estímulo à atenção (de acordo com o andamento rápido ou lento da música, as crianças correm, andam lentamente ou se expressam com um gesto combinado, explorando a locomoção), os jogos de percepção musical (perceber os sons do ambiente, reconhecer as diferenças entre os sons graves e agudos, repetir os sons produzidos pela voz ou instrumentos) e a criação de pequenas melodias utilizando-se o texto das histórias.

O repertório musical selecionado deve ser adequado à realidade da faixa etária com a qual se vai trabalhar; no caso de canções é importante o uso de um vocabulário compreensível pelas crianças, podendo-se esclarecer algumas dúvidas que surjam relacionadas ao significado das palavras.

O caminho inverso também é uma atividade muito valiosa: a partir da audição de uma música, imagens internas são despertadas e podemos então criar e escrever uma história, seus personagens, a descrição de lugares nos quais nunca estivemos, mas que surgem em nossa mente de maneira tão viva que é como se realmente já tivéssemos passado por lá. E quem disse que não?

Ao ouvirmos com mais atenção nosso repertório musical, descobriremos que algumas letras são pequenas histórias cantadas.



Participação dos ouvintes

É importante que o contador de histórias não se iluda, pensando que nunca será interrompido, e que poderá seguir sua narrativa sem dar atenção às reações e comentários dos ouvintes, principalmente em se tratando de crianças. Contar histórias pressupõe um **contato direto** e exige do contador uma abertura ao **imprevisível**. Tudo pode acontecer. Geralmente contamos histórias em ambientes que sofrem, de alguma maneira, intervenções externas, como barulho de carros, cachorro latindo, pessoas passando. Por que não incorporar esses elementos, de maneira natural, à nossa narrativa? Quanto aos ouvintes, nossa sugestão é que o contador instale um clima de cumplicidade e, quando sentir que é conveniente, até os convide a colaborar com a narrativa, sugerindo nomes, uma solução para um problema ou cantando uma música. Isso exige muito jogo de cintura para que não se perca o “fio da meada”. É mesmo um jogo de pingue-pongue e o contador precisa ser um ótimo rebatedor.



Recursos de animação e livro

Regina Machado, ao tratar da animação de objetos na contação de histórias, nos remete ao que ela chama de “eficiência poética” no jogo criado pelo contador. Sendo esse jogo um convite ao imaginário, objetos de uso cotidiano transformam-se em adereços de qualidades expressivas inteiramente novas e inusitadas. A autora chama esse exercício imaginativo de “virar o olho” e afirma:

“Essa naturalidade de virar o olho e conferir vida a objetos inanimados ou formas da natureza precisa ser reconquistada para o exercício da eficiência poética. [...] Você seria capaz de conversar com um espanador? Mesmo que sua resposta seja negativa, digo-lhe que sim. Desde que você se lembre de virar o olho e se disponha a considerar: Que objetos e formas da natureza têm qualidades, como tamanho, dimensões, cores, direção de suas linhas estruturais no espaço, peso, textura, cheiro, movimento, densidade, equilíbrio; e expressam qualidades de outra ordem, como mistério, humor, respiração ou pulsação, rispidez, calma, delicadeza, nervosismo, altivez, descontração, desleixo, nobreza. São qualidades que a eles atribuímos a partir de suas características estruturais, que revestimos com nossas ressonâncias pessoais.

[...] Um cabo de guarda-chuva prateado encrustado de pedras coloridas no punho pode ser uma rainha, um lenço de seda azul pode ser uma princesa, um novelo de lã pode ser uma ovelha, um rastelo pode ser um rei”. (MACHADO, 2004, p. 90-91)

Lembrando que a animação de objetos, para ser eficiente, precisa estar aliada aos demais itens aqui já citados.

Quanto ao uso do livro é interessante que o contador explore ao máximo suas qualidades intrínsecas: as figuras, seu tamanho, sua forma, sempre levando em conta que a história contada está nele escrita. O livro quando presente na narração da história reforça o gosto pela leitura e o deslumbramento pela literatura.

Quando o contador trabalha com o livro é importante que conheça o texto previamente para que não o leia o tempo todo, a não ser que assuma ser uma leitura da história. Os livros ilustrados (principalmente os infantis) já “puxam pela memória” do contador, que só de bater o olho nos desenhos desenrola sua narrativa.

As dicas aqui brevemente expostas podem contribuir muito para o aprimoramento daqueles que têm vontade de contar histórias. Cada item se relaciona com os demais e nenhum é mais importante que o outro; é o exercício atento, entre acertos e erros, de todos eles em conjunto, que aprimora a arte de contar histórias. Entramos por uma janela e abrimos a outra, quem quiser que conte outra...





Visto a relevância da mediação de leitura e da atividade de contação de histórias na escola, será importante dar continuidade e amplitude às ações, reforçando que um bom contador de histórias tem sempre várias delas na “ponta da língua” para qualquer ocasião.

Ler bons livros auxilia o desenvolvimento emocional da criança. A literatura permite a reflexão sobre experiências, questões, medos e desafios a partir das histórias, como também elaborá-los e vivenciá-los pela perspectiva do personagem, que passa a ser um companheiro muito mais próximo do que a distância medida entre o papel e os olhos atentos que pousam sobre ele.

Mas, além disso e talvez aí esteja uma contribuição essencial para os tempos atuais, a leitura de textos literários exercita a possibilidade de ser outro, de se imaginar como outro. E essa possibilidade de deslocamento para outras vidas e outros mundos é fundamental para a criança aumentar o seu repertório de experiências, desenvolvendo, também, a empatia. Esses deslocamentos são fundamentais se quisermos pensar na construção de uma sociedade capaz de aceitar e conviver com as diferenças.

É exatamente isso que o acervo literário IBS proporciona: um encontro com a diversidade de temas, gêneros e culturas por meio de obras, autores e editores que fazem dele um rico acervo.

O Instituto Brasil Solidário seleciona as obras literárias de seu acervo tendo como critérios:

- **Qualidade temática:** se manifesta na diversidade e adequação dos temas e no atendimento aos interesses da criança em diferentes contextos sociais e culturais em que vivem e nível de conhecimentos prévios que possuem;
- **Qualidade textual:** se revela nos aspectos éticos, estéticos e literários, na estruturação narrativa, poética ou imagética, na escolha vocabular que respeite e amplie o repertório linguístico;
- **Qualidade gráfica:** se traduz na excelência de um projeto gráfico capaz de motivar e enriquecer a interação do leitor com o livro, tais como qualidade estética das ilustrações, articulação entre texto e ilustração e uso de recursos gráficos adequados à criança na etapa inicial de inserção no mundo da escrita.



Ilustração de Odilon Moraes para o livro Lá e Aqui, em parceria com Carolina Moreyra

Todas as obras de inegável qualidade compõem o acervo em cinco categorias – prosa, verso, imagem, palavras-chave e história em quadrinhos.

Além disso, o acervo IBS contempla leituras que representem diferentes níveis de dificuldade, de modo a atender a infância em seus variados níveis leitores.

O acervo IBS também contempla a **bibliodiversidade**, conceito que defende a circulação de livros e publicações que apresentam para a sociedade múltiplas vozes e visões de mundo, possibilitando a democratização das narrativas e garantia da representatividade.

A variedade de histórias e narrativas apresentadas através da bibliodiversidade permite que os indivíduos de uma cultura tenham acesso a diferentes fontes de reflexão e pontos de vista, desenvolvendo a empatia.

Temas difíceis

A literatura infantojuvenil não deve se restringir a temáticas simples ou fáceis – e sabemos também que quase sempre quando o fazem acabam tornando-se rapidamente desinteressantes para as crianças.

Assim, um bom acervo literário deve conter narrativas divertidas, personagens leves e simpáticos, mas também livros que falem de tristezas, decepções e medos. Por isso, temas difíceis são essenciais.

Nossa vida é repleta de todas essas sensações e emoções e é importante que as crianças tenham acesso a livros que não as privem de pensar todas essas experiências.

Mesmo assim, ainda hoje é comum observarmos algum receio de abordar temas mais difíceis como tristeza, luto ou desigualdade, por parte dos adultos.

Vale sempre lembrar que as crianças, cada uma a seu modo e de acordo com o repertório que foi acumulando ao longo de sua vida, têm habilidades para lidar com todos os temas. Essa relação pode ser ainda melhor quando as leituras são acompanhadas por um adulto ou mediador atento e disponível para acolher a criança nesse processo, costurando significados junto com ela.

Para além dos temas difíceis, as recomendações do acervo IBS também têm diversão, riso, que combinam com férias, calor, sorvete e banho de chuva. Afinal, nem só de livros reflexivos e papos cabeça vive um leitor.

No entanto, é sempre bom ressaltar que, quando se trata de humor, é preciso redobrar o cuidado para não cairmos em representações desrespeitosas que possam ferir de alguma forma a liberdade e a dignidade do outro. Tivemos o cuidado de selecionar livros que não soem preconceituosos e nos quais a risada venha com leveza, para que todos riam juntos. Na seleção IBS há livros engraçados, irônicos e com finais surpreendentes!

Acesse o **Guia do Acervo Literário IBS** com indicação de 200 obras de qualidade estética e literária selecionados para cada fase literária, [clique aqui!](#)



O acervo literário IBS e os ODS

A partir do incentivo a ações de mediação de leitura e de uma seleção de livros literários de qualidade, o IBS estimula a formação de cidadãos conscientes e críticos e o fortalecimento de políticas públicas voltadas para o livro, a leitura e a biblioteca.

Aliado a isso, o IBS trabalha com o compromisso de proporcionar uma educação de qualidade, desenvolvendo um espírito cooperativo e comprometido com o futuro do planeta, preconizado pela ONU ao estabelecer a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável e os **17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável** (ODS).

Compreendendo os desafios estabelecidos pela Agenda 2030, é possível indagar como será possível tornar realidade o plano de ação por ela estabelecido. Uma das respostas está nos títulos que compõem o acervo literário IBS e que são doados à diversas escolas e municípios brasileiros, pois diversos deles podem ser relacionados a Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, como mostram alguns exemplos abaixo. Por meio da educação, especificamente, nesse caso, por meio da literatura, é possível contribuir para o desenvolvimento de sujeitos ativos, capazes de atuar, efetivamente, na proteção do planeta e no fortalecimento da paz mundial.



Malala: a menina que queria ir para a escola, de Adriana Carranca
Editora Companhia das Letrinhas

A jornalista Adriana Carranca visitou o Vale do Swat dias após o atentado que quase tirou a vida de Malala Yousafzai e conta, nesse livro tudo o que viu e aprendeu por lá. Ela apresenta às crianças a história real dessa menina que, além de ser a mais jovem ganhadora do Prêmio Nobel da Paz, é um grande exemplo de como uma pessoa e um sonho podem mudar o mundo.

Um dia, um rio, de André Neves
Editora Pulo do Gato

Um dia, um rio é um lamento, um grito de socorro tardio de um rio indefeso que não tem como reagir ao ser invadido pela lama da mineração que destrói suas águas e as vidas que abriga. Com lirismo e contundência, dialoga sobre o desastre ambiental que abalou a Bacia do Rio Doce, em 2015.



O menino do dedo verde, de Maurice Druon
Editora José Olympio

Tistou não é uma criança como as outras. Ele empurra seus polegares verdes para dentro da terra e coisas mágicas acontecem! Quando descobre esse poder, ele começa a transformar a cidade onde vive!



O meu pé de laranja lima, de José Mauro de Vasconcelos
Editora Melhoramentos

Zezé tem 6 anos e mora num bairro modesto, no subúrbio do Rio de Janeiro. O pai está desempregado e a família passa por dificuldades. A alegria e a tristeza não poderiam estar melhor combinadas do que nesse clássico da literatura brasileira.





Se todo contador de história tem muitas narrativas na ponta da língua, ele também tem o seu itinerário leitor que se reflete em seu próprio acervo literário. Mas como iniciar este acervo? Respondendo a esta pergunta, aqui compartilhamos algumas sugestões de obras literárias que consideramos importantes:

ANDERSEN, Hans Christian. **Histórias maravilhosas de Andersen**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1999.

AZEVEDO, Ricardo. **No meio da noite escura tem um pé de maravilha!** São Paulo: Ática, 2002.

BARROS, Manoel de. **Exercícios de ser criança**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.

BARBOSA, Rogério Andrade. **Histórias africanas para contar e recontar**. São Paulo: Brasil, 2001.

BUARQUE, Chico. **Chapeuzinho Amarelo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

BELINKY, Tatiana. **Sete contos russos**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1995.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 1997.

LISBOA, Henriqueta. **Literatura oral para a infância e a juventude: lendas, contos e fábulas populares no Brasil**. São Paulo: Peirópolis, 2002.

MACHADO, Ana Maria. **O tesouro das virtudes para crianças: 2**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

_____. **O tesouro das cantigas para crianças**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MACHADO, Regina. **O violino cigano e outras histórias de mulheres sábias**. São Paulo: Cia das letras, 2004.

PRIETO, Heloisa. **Lá vem história**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1997.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Para criar passarinho**. Belo Horizonte: Miguilim, 2000.

ROCHA, Ruth. **Historinhas malcriadas**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1996.

RUSHDIE, Salman. **Haroun e o mar de histórias**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VILELA, Fernando. **Lampião e Lancelote**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.



Detalhe da ilustração do livro *Lampião e Lancelote*, de Fernando Vilela



Considerando que o mediador da leitura é, antes de tudo, um leitor apaixonado, o Instituto Brasil Solidário elaborou um recurso que contribui para a formação do itinerário leitor do mediador, facilitando o registro das impressões sobre as leituras realizadas ao longo do tempo em um Diário de Leituras.

O **Diário de Leituras do IBS** faz com que o registro das leituras realizadas seja um momento de prazer, autoconhecimento e reflexão. O material, especialmente preparado para ser essa ferramenta de apoio, conta com um lindo projeto gráfico que torna o momento da escrita algo bem especial e intimista. O mediador pode fazer as anotações que considerar interessantes, marcando, dessa forma, um percurso leitor que poderá auxiliá-lo a difundir o gosto pela leitura seja

em uma simples indicação literária ou ao realizar uma atividade de incentivo à leitura.

O Diário de Leituras do IBS promove uma relação mais íntima com os livros lidos, conduzindo o leitor-mediador a reflexões sobre a obra e despertando boas memórias da leitura.

Um outro recurso que pode substituir o Diário de Leituras do IBS, se o mediador não puder imprimir todas as páginas do diário por algum motivo, é a **Ficha do Livro**. A Ficha do Livro é uma página avulsa do Diário de Leituras que o mediador pode imprimir conforme sua necessidade e disponibilidade.

Com esses recursos à disposição, os mediadores e Anjos da Leitura podem desenvolver seu repertório de leituras literárias com prazer e alegria!



Imaginando o aprendizado: depoimento de uma educadora e contadora de histórias

Por Vanessa Valente e Marcel de Oliveira

Em minhas andanças pelas livrarias de São Paulo (um dos meus passatempos preferidos) descobri pousado sobre um balcão em meio a outros lançamentos literários, um dicionário de capa clara com um mapa em marca d'água por detrás do título.

O detalhe que me faz contar agora essa minha descoberta é que aquele dicionário não trazia verbetes sobre sinônimos, significados de palavras nem explicações sobre assuntos científicos; era um *Dicionário de Lugares Imaginários* (MANGUEL; GUADALUPI, 2003). Mesmo ainda sem o ler, segurei-o em minhas mãos como um pequeno tesouro, passei a folheá-lo e, a cada página, mais absorta na leitura e alheia à movimentação da livraria fiquei.

Senti a necessidade imperiosa que os ávidos por livros, verdadeiros fetiches nas mãos de contadores de histórias sentem quando encontram uma preciosidade e tive que levá-lo para casa; só então pude olhar para ele e pensar: enfim

sós! Já na introdução, os autores explicam que o dicionário funciona como um guia para turistas que pretendem fazer uma viagem aos lugares imaginários da literatura mundial; os verbetes são repletos de mapas com instruções de como se chegar ao lugar indicado e tem, pasmem, dicas de alimentação e cuidados que se deve ter na chegada a certos lugares como, por exemplo, o *Reino da Sabedoria*. Enfim, puro deleite! Os autores da última edição (houve uma reestruturação em relação às outras) atestam que o universo imaginário do homem é tão vasto que ficaria impossível reunir todos os lugares imaginados em apenas um livro, sendo que a seleção dos lugares que mereciam estar registrados no pitoresco compendio tinha sido uma tarefa complicada. A imaginação é mesmo um lugar de muitos "ondes"!

Reino da sabedoria ¹

O acesso a ele se faz por um posto de pedágio. Os viajantes que desejam visitá-lo ganham um kit como mapas, moedas e um livro de regras; os resultados não são garantidos, mas a perda de tempo será reembolsada.

Outrora, o Reino da Sabedoria era conhecido como Terra da Nulidade, é uma região árida e assustadora, habitada pelos demônios da escuridão.

Conta-nos a história que um jovem príncipe cruzou o mar do conhecimento em busca do futuro e reivindicou Nulidade em nome da bondade e da verdade. A velha cidade da Sabedoria, constantemente assediada por demônios, monstros e gigantes, tornou-se, sob seu governo, um reino próspero. Os dois filhos do príncipe partiram para fundar duas novas cidades: Dicionópolis, no Sul, e Digitópolis, no Norte, no sopé das Montanhas da Ignorância. As novas cidades tornaram-se rivais após uma discussão sobre se palavras ou números eram mais importantes do que a sabedoria; A constante disputa levou o Reino da Sabedoria à ruína. Contudo, as duas filhas adotivas do rei, Rima e Razão, à frente dos exércitos reunidos de Sabedoria, Venceram a Batalha final e restabeleceram a paz.

¹ MANGUEL, Alberto; GUADALUPI, Gianni. Dicionário de lugares imaginários. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.



Assim como os gramáticos usam seus dicionários em seus estudos, consulto o *Dicionário de Lugares Imaginários* para várias atividades em minhas aulas e narrações de histórias.

Aliás, em se tratando de aguçar os sentidos em suas sutilezas, o objeto-livro é uma fonte de sensações. Na verdade, o prazer da leitura começa no ritual de se entrar em uma livraria, quando é possível sentir-se uma espécie de frenesi com a visão de todas aquelas prateleiras separadas por assuntos. Pode-se passar horas a fio em busca de títulos ainda não descobertos e, quanta emoção ao se encontrar aquele que deixamos de comprar a dez anos por qualquer motivo do qual nem nos lembrávamos mais! De qualquer maneira, algumas horas em uma boa livraria é garantia de sempre sairmos sabendo um pouco mais sobre alguma coisa.

Adquirido o livro, ao primeiro contato ele já ganha estatuto de objeto, de objeto-livro! Nossa relação com ele passa a ser sinestésica: nós o seguramos e sentimos seu peso e tamanho, depois passamos os dedos pela capa sentindo sua textura (algumas edições têm relevos convidativos), depois vem a apreciação dos detalhes da edição: cores, tipo de letras, gravuras, formatação, tipo de papel, etc. E a relação com o objeto livro passa a ser também estética. Por fim, o cheiro. Cheiro de livro novo é cheiro de pão fresquinho, saído do forno. Mas há também o cheiro dos livros de sebos, que tem o cheiro do armário da casa de nossa avó, como bem classifica um amigo meu. Acho a analogia olfativa perfeita.

O ritual de uma visita a sebos é diferente: geralmente estamos em busca de publicações antigas, que já conhecemos ou vamos dispostos a um verdadeiro garimpo, de onde voltamos com as mãos grossas de pó, mas felizes de, mesmo após alguns espirros, finalmente ter encontrado algo.

Quanto ao sabor do objeto-livro, fica reservado às horas de degustação das suas linhas, salpicadas de palavras, como biscoitos finos a serem apreciados com um bom vinho, o vinho da imaginação.

Ainda sobre o estímulo aos sentidos que é um bom livro, lembro-me que certa vez fui contratada para contar histórias em uma escola de uma cidade do interior de São Paulo. A coordenadora do Fundamental I, seguindo os preceitos escolares de que toda atividade deve ter uma função pedagógica, pediu-me que contasse alguma história que incentivasse o gosto pela leitura nas crianças, pois minha atividade fazia parte da *Semana da Leitura* organizada pela escola. Fui então à procura do que me fora encomendado: não tinha ideia de como satisfazer a coordenação em sua expectativa tão didática. Para mim era claro que qualquer boa história bem contada já seria um incentivo à leitura e certamente as crianças compartilhariam desse meu ponto de vista.

Depois de várias opções por mim descartadas, lembrei-me dos tão festejados livros de Monteiro Lobato e de sua mais famosa personagem, Emília. Quando criança havia lido, entre outros de Lobato,

A reforma da natureza, e lembrei-me de um capítulo chamado *O livro comestível*. Pensando na proposta da escola, que era a de estimular o gosto pela leitura, não tive dúvidas quanto à escolha, mesmo porque, independentemente de qualquer intuito pedagógico, Monteiro Lobato é sempre um prato cheio para qualquer contador. Vale a pena o registro do trecho do capítulo citado:



O livro comestível²

A maior parte das ideias da Rã eram desse tipo. Pareciam brincadeiras e isso irritava Emília, que estava levando muito a sério o seu projeto de reforma do mundo. Emília sempre foi uma criaturinha muito séria e convencida. Não fazia nada de brincadeira.

- Parece incrível, Rã! - disse ela. - Chamei você para me ajudar com a ideia da reforma, mas até agora não saiu dessa cabecinha uma só coisa aproveitável - só "desmoralizações..."

- Isso não! A ideia das tetas com torneiras na vaca Mocha foi minha e você gostou muito. A da pulga também.

- Só essas. Todas as outras eu tive que jogar no lixo. Vamos ver mais uma coisa. Que acha que devemos fazer para a reforma dos livros?

A Rãzinha pensou, pensou e não se lembrou de nada:

- Não sei! Parecem-me bem como estão.

- Pois eu tenho uma ideia muito boa - disse Emília. - Fazer um livro comestível.

- Que história é essa?

- Muito simples. Em vez de impressos em papel de madeira, que só é comestível para o caruncho, eu farei os livros impressos em um papel fabricado de trigo e muito bem temperado. A tinta será estudada pelos químicos - uma tinta que não faça mal para o estômago. O leitor vai lendo o livro e comendo as folhas; lê uma, rasga-a e come. Quando chega ao fim da leitura está almoçado ou jantado. Que tal?

A Rãzinha gostou tanto da ideia que até lambeu os beiços.

- Ótimo, Emília! Isto é mais que uma ideia-mãe. E cada capítulo do livro será feito com papel de um certo gosto. As primeiras páginas terão gosto de sopa; as seguintes terão gosto de salada, de assado, de arroz, de tutu de feijão com torresmos. As últimas serão as da sobremesa - gosto de manjar branco, de pudim de laranja, de doce de batata.

- E as folhas do índice - disse Emília - terão gosto de café - serão o cafezinho final do leitor. Dizem que o livro é o pão do espírito. Por que não ser também pão do corpo? As vantagens seriam imensas. Poderiam ser vendidos nas padarias e confeitarias, ou entregues de manhã pelas carrocinhas, juntamente com o pão e o leite.

- Nem precisaria mais pão, Emília! O velho pão viraria livro. O Livro-pão, o Pão-livro. Quem souber ler, lê o livro e depois o come: quem não souber ler come-o só, sem ler. Desse modo o livro pode ter entrada em todas as casas, seja dos sábios, seja dos analfabetos. Otimíssima ideia, Emília!

- Sim - disse esta muito satisfeita com o entusiasmo da Rã. - Porque, afinal de contas, isso de fazer os livros só comíveis para o caruncho é bobagem, podemos fazê-los comíveis para nós também.

- E quem deu a você essa ideia, Emília?

- Foi o raciocínio. O livro existe para ser lido, não é? Mas depois que o lemos e ficamos com toda a história na cabeça, o livro se torna uma inutilidade na casa. Ora, tornando-se comestível, diminuímos uma inutilidade.

- E quando a gente quiser reler um livro?

- Compra outro, do mesmo modo que compramos outro pão todos os dias.

A ideia, depois de discutida em todos os seus aspectos, foi aprovada e Emília reformou toda a biblioteca de Dona Benta. Fez um papel gostosíssimo e de muito fácil digestão, com sabor e cheiro bastante variados, de modo que todos os paladares se satisfizessem. Só que não reformou os dicionários e outros livros de consulta. Emília pensava em tudo.

²LOBATO, Monteiro. A reforma da natureza. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2018.





A escolha foi acertada e saciou tanto as crianças quanto as professoras. Como procuro sempre desenvolver a narrativa das histórias com a participação das crianças ao descrever os sabores das páginas, pedi sugestões de outros novos; entre vários, eis alguns vindos de crianças de uma geração já um pouco distante da época de Emília: sabores de chiclete, de *strogonoff*, de chocolate, de *Big-Mac*, de batata frita, de pizza, de *Coca-Cola*, etc. Terminei a história, que foi contada na biblioteca da escola, com a proposta de uma brincadeira: durante a semana, as crianças, em uma visita à biblioteca e com ajuda da professora e da bibliotecária, criariam um cardápio de leitura, com café da manhã, almoço e jantar e cada livro teria um sabor de acordo com a refeição de que fizesse parte: leite, café, feijão, manteiga, etc. Na verdade, devo confessar que a proposta surgiu em minha cabeça durante a atividade, quando vi todas aquelas estantes repletas de livros. Arrisquei a sugestão e o fato é que gostaram bastante da ideia. Algum tempo depois, voltei a essa escola e fiquei sabendo que o cardápio tinha sido adotado como sugestão mensal, montado pelas crianças e pregado no mural da biblioteca. É claro que fiquei muito feliz, pois era mais uma mostra de como a arte de contar histórias, como exercício de imaginação, pode provocar o entusiasmo pelo conhecimento.

Como contadora de histórias, tenho trabalhado nestes últimos cinco anos em várias escolas das redes particular e pública do Estado de São Paulo, além de livrarias e eventos culturais. O trabalho de narração de histórias propicia-me um contato direto com várias instâncias da vida escolar, desde a direção e a coordenação até o ambiente de sala de aula com as professoras e as crianças e também os pais.

Em várias ocasiões ações sou abordada por professoras interessadas em aprender a contar histórias e manipular objetos cênicos como bonecos, lenços e pequenos adereços. Em algumas escolas, muitas vezes sou convidada a conhecer suas salas de aula e seus projetos envolvendo temas artísticos. Certa vez, em Campinas (SP), recebi o convite entusiasmado de uma bibliotecária para conhecer a reforma que havia feito na biblioteca da escola. De fato, era o único lugar de toda a escola, feia e malcuidada, que tinha cores nas paredes e um ambiente acolhedor, com almofadas e armários baixos para as crianças manipularem os livros.



Iniciativas como essa, vinda de espíritos inovadores e criativos, mostram-se necessárias e originais; isoladas, porém, do ambiente escolar de que fazem parte, perdem força num contexto que não valoriza os aspectos artístico, lúdico e imaginativo do conhecimento.

Esses educadores sentem um verdadeiro entusiasmo quando sabem da presença de artistas na escola e querem compartilhar suas ideias com eles. A imagem que me vem é a de náufragos numa ilha deserta chamando com sinais de fumaça por um resgate que os tire do isolamento.

Comecei então a direcionar meu trabalho também para o público adulto e passei a trabalhar, um pouco receosa e ainda tímida, com grupos de professores em dinâmicas e cursos de capacitação nas próprias escolas. O retorno tem sido bastante positivo; geralmente os educadores gostam de ouvir histórias e de participar de atividades que envolvam o imaginário, que agucem a fantasia e que os façam “sentir”, palavra que ouço constantemente em meu trabalho.

A escola é parte importante da rede social e não pode compactuar com a minimização da essência humana para atender apenas a interesses de um mercado de trabalho competitivo e injusto.

Jacqueline Held afirma que a leitura do real passa pelo imaginário. Sempre me identifiquei com a palavra imaginário; vejo-a associada aos contos fantásticos, às brincadeiras infantis, à ficção científica, enfim a coisas misteriosas, interessantes e gostosas de se conhecer. Imaginar é uma das coisas que mais gosto de fazer. Quando criança imaginava como eu seria quando eu crescesse ou como havia sido o mundo há três mil anos. E agora, já adulta, continuo a imaginar: imagino cenas, imagino histórias e mundos diferentes, imagino como será a casa que comprarei um dia, como serei bem velhinha...

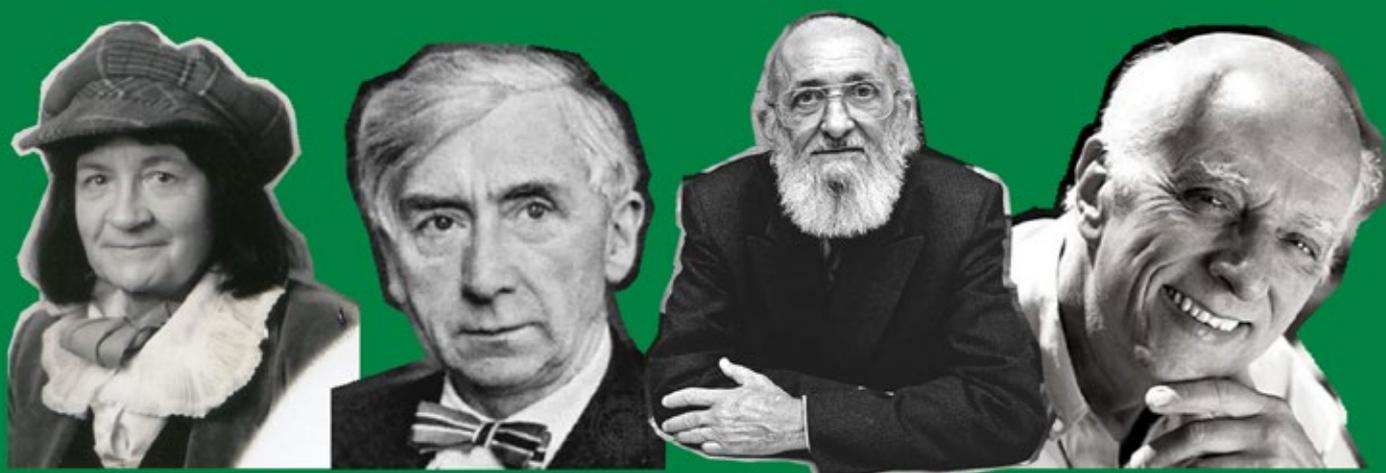
Parece que imaginar ajuda a razão a concretizar objetivos, numa transposição de imagens que escapam ao tempo cronológico, criando universos paralelos que preenchem nossas ideias de pensamentos projetantes. A imaginação nos revela o real, ultrapassando-o e criando possibilidades do invisível no visível. Tendo o imaginário um potencial criador tão grande e sendo inerente à natureza humana, desde a mais tenra idade, como ignorá-lo, rejeitando-o e negando sua importância? Diz Gaston Bachelard o que “a imaginação tenta um futuro. [...] Existe um futurismo em todo universo sonhado”.

Fui constatando ao longo destes anos que a concepção de educação está, cada vez mais, repleta de urgências funcionais que mascaram as necessidades do imaginário e muitas vezes descartam as linguagens artísticas como forma de entendimento e interpretação do mundo, não oferecendo oportunidades para a realização de experiências que possam ampliar a competência simbólica do aluno. A arte, com seu potencial provocador da fantasia e da imaginação, muitas vezes é deixada de fora da sala de aula, surgindo apenas nas aulas específicas de alguma linguagem artística ou em eventos organizados pela escola, quando o artista é requisitado para realizar apresentações e oficinas. Como se a emoção e o estímulo dos diferentes sentidos, através da criação e da fruição estética não fossem parte importante do processo de aprendizado.



Tenho visto na prática que as atividades artístico-imaginativas podem contribuir para quebrar o caráter meramente informativo da situação em sala de aula, valorizando o convívio coletivo, ao mesmo tempo que possibilitam a autodescoberta, a liberdade de sentir e experimentar diferentes sensações e emoções muito particulares do imaginário de cada um. Em minhas reflexões como educadora, tenho apostado em todas as práticas que permitem desbloquear e estruturar o imaginário, como contar histórias.

Compartilho da opinião de alguns autores como Herbert Read, Jacqueline Held, Rubem Alves e Paulo Freire, de que a função do educador é de despertar o prazer de conhecer, compreender, refletir e aprender, de proporcionar um meio rico e estimulante, instigando a criação, a percepção e o contato com a arte, aguçando a curiosidade de querer conhecer o mundo e as coisas, ampliando as possibilidades cognitivas, afetivas, sociais, sensíveis e criadoras. Vejo o educador como quem inova, ousa e inventa possibilidades para os materiais existentes, fornecendo subsídios para manter os alunos receptivos e sensíveis, para que busquem novas perspectivas, novos modos de ver, ouvir e agir, trabalhando com a capacidade de pensar e de ter ideias originais acerca do mundo.



Da esquerda para a direita: Jacqueline Held, Herbert Read, Paulo Freire e Rubem Alves

Enfim, caberia ao educador formar cidadãos autênticos e criativos, em um processo dinâmico e em constante transformação, possibilitando uma identidade histórica, criando condições para que se desenvolva uma atitude de reflexão crítica e praticando uma educação problematizadora, que não fuja à responsabilidade sociocultural. Não é pouca a responsabilidade que temos, nós educadores!

Poetizar o aprendizado e redimensionar a prática educativa representa a aventura de uma perpétua busca. Aprender não significa ir enchendo nossa mala de conhecimentos até ela ficar tão pesada que já não podemos carregá-la; aprendizado é crescimento e evolução e pressupõe deixarmos pelo caminho aquilo que já não nos serve mais, para assim darmos espaço a novas experiências. Na mala, apenas o necessário para que possamos levantar voos durante nossa trajetória. A sabedoria requer leveza: leveza para ensinar, para ouvir, para aprender, para entender o outro, para ser compreendido.

Chamaria a isso de *Pedagogia Caleidoscópica*: ao se olhar por um pequeno espaço o que, em princípio, já pressupõe uma diretividade, descobrimos que podemos transformar o que vemos sendo preciso apenas, de nossa parte, um movimento constante para que surjam contra a luz infinitas combinações de cores e formas, sempre novas, sempre inusitadas, nunca exatamente iguais, porém das mesmas contas de vidro refletidas nos pedaços de espelho. A imaginação, mesmo tendo substrato arquetípico, é dinâmica e dotada de uma energia projetante e, assim como a racionalidade, é aspecto inerente à construção do conhecimento.



Acredito que o educador tem em suas mãos uma oportunidade preciosa de intervenção da realidade e sua ação sensível e consciente pode contribuir para a melhoria do destino humano.

Defendo aqui a tese de uma nova concepção de professor-aprendiz que se descubra num constante processo de crescimento, dando formas às suas ações, permeadas de uma intencionalidade construída em íntima relação com seu objeto de estudo e buscando um eixo próprio de formação. Um professor que exercite constantemente seus recursos internos e que perceba como é possível “sentir-se no outro”, por reflexão e conscientização das singularidades de cada um e daquilo que todos têm em comum e não por uma rasa empatia, como pretendem os meios de comunicação de massa e seus estereótipos sociais.

Por isso, acredito no caminho da educação como o único que leva à existência plena do homem, em seu desenvolvimento como indivíduo e como membro de uma comunidade. E quando falo de educação, falo de uma educação libertadora, que aposte na criatividade e na imaginação como molas propulsoras para a construção de um mundo melhor.

Nos dias de hoje falta-nos espaço para sentir, sonhar e imaginar mundos possíveis, em busca de uma existência mais plena. Contar histórias, usando livros, objetos, música ou apenas a voz transforma o conhecer em algo mágico e gostoso.

Uma história, ao ser contada, suscita mil outras histórias. Ao mergulharmos na narrativa de uma história, podemos ouvir a descrição de uma cidade com muitos detalhes, mas certamente dessa descrição surgirão muitas outras cidades desenhadas pela imaginação de cada ouvinte e todas passarão a ter existência no universo imaginário. A imaginação é um lugar de muitos “ondes”!

Ouvir ou ler uma boa história é também um exercício da inteligência, passando pela afetividade, sendo os sentimentos e as emoções também cognitivos, assim como outras formas de percepção. E é justamente nesse ponto que entra em cena o fazer artístico como expressão criativa e imaginativa do ser humano.

Imaginação e realidade estão vinculadas por um enlace emocional, existindo, portanto, uma dimensão afetiva na atividade criadora. A capacidade criadora transforma a realidade e projeta o futuro, pois todo o mundo da cultura é produto da imaginação e da criação humanas. Quanto mais rica a experiência humana, maior a capacidade imaginativa.

O contato direto entre seres humanos parece tornar-se cada vez mais necessário, em contraponto a uma sociedade tecnicista, que isola o indivíduo diante da tela da televisão, do computador, da *internet*, facultando assim o convívio social. E a escola tem papel determinante na ação de resgate da convivência social, em prol da emoção, do afeto, do imaginário e da perpetuação de nossa rica bagagem cultural.





Atividades artístico-imaginativas - cantar músicas, ler poesia, montar uma peça de teatro, criar e contar histórias - desenvolvidas num contexto pedagógico, facilitam a aquisição de competências narrativas, culturais, linguísticas, perceptivas, cognitivas, estéticas, reflexivas, fazem com que o aluno armazene conhecimentos por vias indiretas, além de se perceber como ser social, capaz de criar e de se relacionar com outros. Desbloquear o imaginário e recriar a fascinação é preparar para a vida criativa, é permitir que a criança desabroche em sua potencialidade, tendo dentro de si harmonia, energia, alegria e sensibilidade.

Numa prática educativa transformadora, cabe ao educador criar um meio rico e estimulante, instigando a criação e a percepção, aguçando a curiosidade de querer conhecer o mundo e as coisas; ampliando

as possibilidades afetivas, sociais, sensíveis e criadoras, eixos temáticos ligados à formação da cidadania. Cabe a ele oferecer ricas oportunidades de aprendizagem, inventar possibilidades para os materiais existentes e fornecer subsídios para manter os alunos abertos e sensíveis, com ideias germinadoras, para que busquem novas perspectivas, novos modos de ver, ouvir e agir, de conhecer outras épocas e culturas. Cabe ao educador criar condições favoráveis à ativação do imaginário, desbloqueando-o, permitindo que ele se expresse, trabalhando-o a partir de uma situação de impulso, aproveitada ou provocada, para suscitar emoções e gerar imagens, colocando em efervescência o imaginário individual e coletivo, trabalhando com a capacidade de pensar e de ter ideias originais acerca do mundo. E por tudo isso, é importante que o educador tenha a prática e a reflexão no campo do imaginário, e que essa atitude se estenda em suas escolhas pedagógicas, na sua experimentação de campo, programando atividades mais adequadas às necessidades de aprendizagem das crianças.

Portanto, valorizar a capacidade crítica e o potencial criador do aluno, em qualquer área do conhecimento, por meio de atividades artístico-imaginativas, como contar histórias, não se constitui um método, mas uma atitude pedagógica.

É de extrema importância, portanto, uma pedagogia da imaginação, em que se busca a formação de indivíduos autênticos e criativos, como um processo dinâmico e em constante transformação, possibilitando uma identidade histórica e criando condições para que se desenvolva uma atitude de reflexão crítica e, por fim, praticando uma educação problematizadora, que não foge à responsabilidade sociocultural.

A criança está inicialmente disponível e aberta a todas as possibilidades e é muito importante que se desenvolva essa disponibilidade original, essa atitude de liberdade criadora, para formar um cidadão livre, capaz de iniciativas, de invenção, de escolha pessoal, de resistência aos condicionamentos ambientes. A reflexão e a crítica passam pelo imaginário, mas é pouco reconhecido seu valor eminentemente formador. A criança deve poder crescer num meio rico em estímulos e impulsos.

Podemos vislumbrar toda a importância de um reconhecimento do imaginário na criança, de sua tomada em consideração e do uso pedagógico e criativo que se possa fazer dele.

Existe uma pedagogia do imaginário: é preciso desenvolvê-la. A imaginação, como a inteligência e a sensibilidade, precisa ser cultivada.



As atividades artístico-imaginativas, aplicadas em qualquer área do conhecimento, possibilitam uma aprendizagem significativa, permitem o experimentar a autodescoberta, a reflexão crítica a partir de uma unidade pensamento-ação; abre caminhos para a criatividade, propõem o diálogo e a solução em comum dos problemas e, principalmente, provocam uma ação cultural de amplo caráter, não restrita apenas à escola.

Portanto é fundamental que os educadores recebam, durante sua formação profissional, orientações e ferramentas necessárias para que desenvolvam projetos que contemplem o exercício do imaginário como meio eficaz de aprendizagem.

Paulo Freire, em seu discurso amoroso pela educação, ressalta que uma prática educativa vivida com afetividade não se opõe a uma formação técnica e metodológica séria, pois alegria e sensibilidade não são inimigas do rigor científico. Freire fala de uma “abertura ao querer bem”, estendida a todos os âmbitos da educação: alunos, equipes de trabalho, práticas e reivindicações políticas, e afirma que é preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade.

A prática educativa é compartilhada na convivência amorosa de todos os envolvidos que, imbuídos de uma postura aberta e curiosa, “crescem” juntos.





ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1997.

BERALDO, Alda. *Trabalhando com poesia*. São Paulo: Ática, 1996.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Tradução de Arlene Caetano. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho. *A construção amorosa do saber: o fundamento e a finalidade da pedagogia simbólica junguiana*. São Paulo: Religare, 2003.

COELHO, Beth. *Contar histórias: uma arte sem idade*. São Paulo: Ática, 2001.

COELHO, Nelly Novaes. *A literatura infantil: história, teoria, análise*. São Paulo: Quíron, 1984.

FERNANDES, M. T. O. S. *Trabalhando com os gêneros do discurso. Narrar: fábula. Coleção Jacqueline Peixoto Barbosa*. São Paulo: FTD, 2001 - (Coleção trabalhando com os gêneros de discurso).

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 1994.

_____. *Conscientização*. São Paulo: Editora Moraes, 1980.

_____. *Educação como prática da liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FRITZEN, Celdon; CABRAL, Gladir da Silva (Org.). *Infância: Imaginação e Infância em debate*. Campinas: Papyrus, 2007. (Coleção Ágere).

GÓES, Lucia Pimentel. *Introdução à literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Pioneira, 1991.

HELD, Jacqueline. *O imaginário no poder*. Tradução de Carlos Rizzi. São Paulo: Summus, 1980.

HORTON, Myles; FREIRE, Paulo. *O caminho se faz caminhando*. Petrópolis: Vozes, 2003.

IRMÃOS GRIMM. *Quem foram os Irmãos Grimm: contos infantis*. Disponível em: <<http://www.bigmae.com/quem-foram-os-irmaos-grimm-contos-infantis>>.

LAJOLO, Marisa. *Um Brasil para crianças. Para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos*. São Paulo: Global, 1993.

LIMA, Renan de M. Rodrigues; ROSA, Lúcia Regina Lucas. *O uso das fábulas no ensino fundamental para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita*. In.: CIPPUS - Revista de Iniciação Científica do Unilasalle, v. 1, n. 1, maio, 2012.

LOBATO, Monteiro. *A reforma da natureza*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MACHADO, Regina. *Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias*. São Paulo: DCL, 2004.

COSSON, Rildo. *O espaço da literatura na sala de aula*. In.: PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca; COSSON, Rildo. (Coord.). *Literatura: ensino fundamental*. Brasília: Ministério da Educação, 2010. Coleção Explorando o Ensino. v. 20. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7841-2011-literatura-infantil-capa-pdf&category_slug=abril-2011-pdf&Itemid=30192>.





MANGUEL, Alberto; GUADALUPI, Gianni. **Dicionário de lugares imaginários**. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MIGUEZ, Fátima. **Nas arte-manhas do imaginário infantil**. Rio de Janeiro: Zeus, 2000.

MIRANDA, Simão de. **Escrever é divertido: atividades lúdicas de criação literária**. Campinas: Papirus, 1999.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PEREIRA, Silvana Cristina Bergamo; HILA, Cláudia Valéria Dona. **Novos olhares para o gênero fábula: uma proposta**. UNOESTE, 2007. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/327-2.pdf>>.

PORTELA, Oswaldo O. **A fábula**. Revista Letras, v.32, 1983. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19338>>.

PRIETO, Heloísa. **Quer ouvir uma história?** São Paulo: Bamboo Editorial, 1999.

RIBEIRO, Jonas. **Ouvidos dourados, a arte de ouvir histórias para depois contá-las**. São Paulo: Ed. Ave Maria, 1999.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias**. Goiânia, 2005.

VIEIRA, Isabel Maria de Carvalho. **O papel dos contos de fadas na construção do imaginário infantil**. In: Revista criança - do professor de educação infantil, v. 38, p. 10, 2005.

VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler: formando leitores para a vida inteira**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1997.

YUNES, Márcio Jabur; AGOSTINI, João Carlos. **Técnica ou poética, eis a questão: criatividade versus racionalismo**. São Paulo: Moderna, 1998.

ZILBERMAM, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 1998.





EQUIPE EDITORIAL

Direção editorial: Luis Eduardo Salvatore, Danielle Haydée

Projeto gráfico: Diogo Salles Amaral

Editoração eletrônica: Carolina Lopes

Elaboração e redação: Carmélia Menezes, Regea Coelho e Zenaide Campos

Revisão e edição: Carmélia Menezes, Luis Eduardo Salvatore, Regea Coelho e Zenaide Campos, Carolina Lopes

Fotos: Arquivo IBS, Luis Salvatore e Freepik

Agradecimentos: a todos os professores e gestores dos municípios parceiros do IBS, cujo trabalho do dia a dia torna possível o sonho de um Brasil de leitores.

 facebook.com/institutobrasilolidario

 [@brasilsolidario](https://twitter.com/brasilsolidario)

 youtube.com/user/BrasilSolidario

 instagram.com/brasilsolidario

Nossos programas e projetos de leitura



O Instituto Brasil Solidário apoia os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

